

Os riscos do 'salto político' além-mar

KARLA TERRA
Especial para O GLOBO

LISBOA — Aos candidatos à sucessão presidencial no Brasil, que se esforçam por se apresentar ao eleitorado como arautos da social-democracia, o Secretário Geral do Partido Socialista português, Fernando Marques da Costa, faz uma advertência. Embora admita que a adoção além-mar do ideário do socialismo democrático possa ser positivo, ele ressalva que a Europa viveu uma evolução histórica até consolidar esta tendência, enquanto no Brasil ela poderia acarretar um "salto político".

— Para quem olha as diferenças sociais e econômicas do Brasil, fica difícil imaginar que uma proposta de justiça social seja facilmente aplicada — observa o dirigente do PS do Presidente Mário Soares.

Para Fernando Marques, no Brasil, em vez do engajamento em batalhas ideológicas, é preciso investir em desenvolvimento social, "o que é muito trabalhoso em função das diferenças regionais".

Esta tese é compartilhada pelo Deputado José Silva Marques, do Partido Social-Democrático, que integra o Governo português — é a legenda do Primeiro-Ministro, Aníbal Cavaco Silva. Para responder a esta necessidade de justiça social e desenvolvimento econômico, ele acredita que um candidato deveria ter capacidade, autoridade e credibilidade para fazer um governo para os pobres, mas que não excluísse os ricos.

— Um homem coerente com a social-democracia que consolidasse o regime democrático e desenvolvesse a economia — receita, concordando, o socialista Fernando Marques, sem, no entanto, fazer qualquer menção nominal aos candidatos que se declararam identificados com a tendência.

— Um governo, como o do PSD português, não pode ter vergonha de ser populista e justicialista, sendo desenvolvimentista. Não se pode ter o doce sem o amargo — recomenda Silva Marques, cujo partido se tornou social-democrata após a Revolução dos Cravos, em abril de 74.